

# A PRESENÇA DA FONOLOGIA NA GRAFIA DAS VOGAIS ARREDONDADAS DO FRANCÊS POR BRASILEIROS

Claudia Regina Minossi ROMBALDI

Doutor. IFSUL – Campus Pelotas CaVG  
E-mail: claudia.rmr@bol.com.br

Ana Ruth Moresco MIRANDA

Doutor. UFPel – PPGE  
E-mail: anaruth@vitorramil.com.br

Magda Floriana DAMIANI

Doutor. UFPel – PPGE  
E-mail: flodamiani@gmail.com

## Resumo

Neste artigo, serão apresentados os resultados de estudo sobre a grafia das vogais arredondadas francesas por brasileiros aprendizes de francês como língua estrangeira (FLE). Os dados foram separados em dois grupos: palavras com vogais exclusivas do francês e palavras com vogais comuns aos dois sistemas. A análise dos dados, à luz da Teoria da Marcação de Calabrese (1995), mostra que, para os fones exclusivos do sistema francês, os aprendizes optam por formas gráficas que revelam procedimentos fonológicos semelhantes àqueles descritos por Alcântara (1998), tais como a Fissão e o Desligamento. No caso das grafias referentes aos fones idênticos do sistema do português brasileiro (PB) e do francês *standard* (FS), os resultados indiciam o estabelecimento de analogias com as formas de representação gráfica da língua materna. O estudo pretende contribuir para com as discussões do campo da fonologia, mostrando, a partir de dados de

aquisição da linguagem, a forte conexão entre conhecimento linguístico, modelos fonológicos e aquisição da escrita.

#### **Palavras-chave**

aquisição da ortografia; vogais orais arredondadas francesas; língua estrangeira; estratégias de aprendizagem

### **1. Considerações iniciais**

No processo de aquisição da escrita, seja de uma língua materna (LM) seja de uma língua estrangeira (LE), os aprendizes lançam mão de conhecimentos já construídos sobre a sua LM, especialmente aqueles referentes à gramática dos sons. Este é o motivo pelo qual os erros de escrita, sobretudo a inicial, podem ser considerados fonte para o estudo das representações fonológicas de crianças e adultos, que, ao se depararem com a tarefa de registrar graficamente as unidades pertencentes à segunda articulação de sua língua, produzem escritas nas quais há indícios que podem ser lidos e interpretados como manifestações daquilo que foi adquirido de modo natural e espontâneo ainda em seus primeiros anos de vida, o seu conhecimento fonológico.

No processo de aquisição de uma LE é observado o uso de estratégias que visam a um ajuste dos sons da língua que está sendo adquirida às características do sistema da LM. Alcântara (1998) mostrou que aprendizes brasileiros de francês como LE acomodam a produção das vogais francesas de tal forma que elas são pronunciadas com as configurações de traços características da LM. A autora trata, especificamente, das vogais arredondadas francesas que, diferente das vogais portuguesas, apresentam coocorrência de traços não atestada no português, a saber, [-posterior] e [+arredondado].

Neste artigo, serão apresentados dados de aquisição do sistema ortográfico das vogais orais arredondadas do francês standard (FS), relativos às grafias das vogais [y], [ø], [œ], [u] e [o], por falantes nativos do português brasileiro (PB), aprendizes de francês como língua estrangeira (FLE). Tais dados serão discutidos à luz da Teoria da Marcação, conforme proposta por Calabrese (1995), a fim de que se possam levantar argumentos à hipótese segundo a qual os conhecimentos linguísticos sobre a fonologia da LM, adquiridos de forma inconsciente, subsidiam as escolhas gráficas dos aprendizes e, em uma via de mão dupla, à medida que tais conhecimentos se atualizam no processo de aquisição da escrita, podem também influir na reestruturação das representações fonológicas, neste caso específico, da LE.

Este artigo encontra-se estruturado em quatro seções, além desta introdução. Na primeira, são apresentadas algumas considerações teóricas consi-

deradas relevantes para o estudo: i) sobre a interlândia, o uso de estratégias e o processo de aquisição da escrita; ii) sobre o sistema vocálico do português e do francês, do ponto de vista da fonologia e da ortografia; iii) sobre o modelo teórico proposto por Calabrese (1995). Na seção seguinte, os procedimentos metodológicos serão apresentados e, na sequência, os dados serão descritos e analisados. Por fim, serão tecidas as considerações finais.

## 2. Considerações Teóricas

### 2.1 Sobre a interlândia, o uso de estratégias e o processo de aquisição da escrita

Estudos realizados por Selinker (1972), Duran (1994) e Moore (2001), relativos à aquisição de LE, sustentam que o aprendiz, quando defrontado com um novo sistema linguístico, é capaz de compreender o sistema de sua LM e de utilizar diferentes estratégias de produção e compreensão, todas elas ancoradas no conhecimento que detém sobre seu sistema materno.

Para Moore (2001), quando o aprendiz lança mão de suas estratégias para resolver as dificuldades de aprendizagem e comunicação em LE, passa de “vítima das relações entre LM e LE a autor da sua própria aprendizagem”. Segundo a visão da autora, há três tipos de estratégias relacionadas ao aprendizado de LE: (a) a estratégia da analogia: comparação entre aspectos semelhantes existentes no sistema linguístico materno e no sistema linguístico estrangeiro; (b) a estratégia da economia: aquilo que já se construiu em uma língua não se refaz em outra, pois há uma tendência à repetição da competência internalizada; e (c) a estratégia da transferência: competências da LM são transferidas para a LE.

É importante referir que, embora os três tipos de estratégias de aprendizagem estejam disponíveis ao aprendiz, na sua busca pela aquisição do conhecimento da nova língua, a tarefa de aquisição da LE é relativamente complexa. A relação de complexidade envolvida na aquisição de uma LE está, sobretudo, no fato de que a LE se apresenta como um sistema novo, conseqüentemente, uma nova língua a ser apreendida pelo aluno.

Na perspectiva de Duran (1994), o novo sistema linguístico ao ser apreendido passa por um sistema de transição denominado interlândia (IL), (SELINKER, 1972; DURAN, 1994). De acordo com Selinker (1972), a IL é um sistema linguístico transitório que sustenta as tentativas do aprendiz de produção da língua-alvo. A ilustração do sistema interlinguístico, conforme Selinker (1972) está apresentada em (1).

(1) Sistema IL

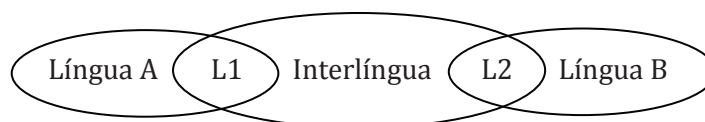


Figura 1: Corder, 1981, in: Duran, 1994, p. 85 (Adaptado)

Conforme (1), o sistema IL constitui-se tanto por conhecimentos relativos à LM como por aqueles apreendidos a partir do contato com a L2. Por esta proposta, uma IL evoluirá em direção ao sistema alvo da LE, à medida que a exposição do falante a LE aumente. Besse & Porquier (1991) e Duran (1994) afirmam que na aquisição de um novo sistema linguístico a sistematização da LE é resultante de um itinerário de aprendizagem construído progressivamente, o qual se modifica com o tempo. Neste percurso, é possível observar a superação dos erros, pois, ao se aproximar do sistema da LE alvo, o aprendiz resolve lacunas existentes em sua IL, muitas vezes, com o auxílio de uma reflexão sustentada por conhecimentos a respeito da LM e da LE.

A aprendizagem de uma LE e a aquisição da escrita em LM são processos que têm sido apontados como promotores do desenvolvimento cognitivo, pois, para Vigotsky (2000), ambas exigem uma ação analítica deliberada por parte do aprendiz, diferentemente do que ocorre em relação à aquisição oral de uma LM. Nessa perspectiva, um aprendiz de LE assim como o sujeito que adquire a escrita não podem ser tratados como se estivessem debutando no aprendizado de uma língua e, tampouco, o fato de eles já serem usuários competentes do sistema da sua LM pode ser ignorado.

No que concerne ao processo de aquisição da escrita em LM, Ferreiro & Teberosky (1996) mostram que as crianças passam por diferentes etapas até chegarem à escrita alfabética e é apenas nesta última etapa que os aprendizes se defrontam com dificuldades ortográficas do sistema. Durante a aquisição da ortografia de sua LM, os sujeitos devem aprender a lidar com regras arbitrárias e também com regras contextuais. Enquanto estas são regulares e permitem a reflexão sobre o seu emprego, aquelas, por serem irregulares e não possibilitarem reflexão, exigem que o sujeito desenvolva estratégias para sua aquisição.

De acordo com essa visão teórica, especialmente no que tange à aquisição do sistema ortográfico de uma LE, a relação de dificuldade envolvida na aquisição do sistema estrangeiro está vinculada a dois aspectos principais. O primeiro relacionado à aquisição da LM, que a seu turno leva em consideração o fato de que, embora os processos envolvidos na aquisição da fonologia sejam distintos daqueles envolvidos na aquisição da escrita, ambos apresentam pontos de convergência. A criança ao tentar perceber o sistema de escrita de sua LM apresenta tendência a compará-lo com o sistema oral, lançando mão, assim, do conhecimento fonológico que possui a respeito da sua língua (MIRANDA, 2007, 2008). O outro, concernente à aquisição de LE, que considera a hipótese de que um aprendiz de LM procura se apoiar em seu sistema linguístico materno quando está adquirindo uma LE (ROMBALDI, 2003; ALCÂNTARA, 1998). A ideia é que um aprendiz de LE não cria estratégias inéditas de aquisição para a LE foco, mas sim, recupera as estratégias já desenvolvidas para a aquisição de sua LM.

## 2.2 Sobre os sistemas vocálicos do português e do francês, do ponto de vista da fonologia e da ortografia

Os sistemas fonológicos das vogais orais das duas línguas envolvidas nesta pesquisa — o PB e o FS — apresentam semelhanças e diferenças. Quanto às semelhanças, destacam-se os fonemas /a/<sup>1</sup>, /e/, /i/, /o/, /u/, /ɛ/ e /ɔ/ que estão presentes em ambos os sistemas. No que concerne às diferenças, observa-se que os fonemas /y/, /œ/, /ø/ são exclusivos do sistema fonológico do FS. Vejam-se as figuras a seguir em (2) e (3).

### (2) Sistema fonológico das vogais orais do PB

	[-posterior]	[+posterior]	[+posterior]
	[-arredondado]	[-arredondado]	[+arredondado]
altas	i		u
médias-altas	e		o
médias-baixas	ɛ		
baixas		a	

Figura 2: Sistema fonológico das vogais orais do PB

### (3) Sistema fonológico das vogais orais do FS

	[-posterior]	[-posterior]	[+posterior]
	[-arredondado]	[+arredondado]	[+arredondado]
altas	i	y	u
médias-altas	e	ø	o
médias-baixas	ɛ	œ	
baixas	a		

Figura 3: Sistema fonológico das vogais orais do FS

Como se pode observar em (2) e (3), no sistema do FS, o arredondamento das vogais [-posterior] apresenta característica distintiva, contrapondo-se ao sistema do PB, que, conforme explica Câmara Jr., não tem vogais em que coo-rram os traços [-posterior] e [+arredondado].

No que tange à representação gráfica, os dois sistemas também apresentam aspectos que marcam semelhanças e diferenças. O sistema ortográfico das vogais do PB apresenta menor complexidade em sua distribuição ortográfica do que o sistema do FS. Vejam-se as distribuições ortográficas para ambos os sistemas em (4) e (5).

<sup>1</sup> A vogal /a/ é considerada [-posterior] no sistema do FS (cf. SCHANE 1970) e [+posterior] no do PB (cf. BISOL, 1996), tal diferenciação, no entanto, não é relevante para a discussão realizada neste artigo.

(4) A representação ortográfica das vogais do PB

<i>Nível fonológico</i>	<i>Nível fônico</i>	<i>Nível gráfico</i>
/i/	[i] [ɪ]	‘i’
/e/	[e] [i] [ɛ]	‘e’
/ɛ/	[ɛ]	‘e’
/a/	[a] [ɐ]	‘a’
/ɔ/	[ɔ]	‘o’
/o/	[o] [u] [ɔ]	‘o’
/u/	[u] [ʊ]	‘u’

Quadro 1: A representação ortográfica das vogais do PB

- a) Fonema /a/ – a vogal baixa, na posição tônica, pode ser produzida como [a], na pretônica e postônica como [ɐ], e sua representação gráfica será sempre ‘a’. No caso da vogal nasalizada, grafa-se ‘a’ mais segmento nasal (‘m’ ou ‘n’) ou com o diacrítico, til.
- b) Fonemas /i/ e /u/ – as vogais altas são sempre grafadas como ‘i’ e ‘u’.
- c) Fonemas /e/ e /o/ – as vogais médias altas, na posição tônica, são grafadas como ‘e’ e ‘o’. Já na posição pretônica, esses fonemas podem ser realizados como vogais altas, em casos de harmonização vocálica ‘coruja’ [ku’ruʒa] ou levantamento da pretônica ‘governo’ [gu’veɾnɔ].
- d) Fonemas /ɛ/ e /ɔ/ – as vogais médias baixas /ɛ/ e /ɔ/ somente são encontradas na posição tônica e serão sempre orais. A grafia desses fonemas será sempre ‘e’ e ‘o’ ‘pele’ e ‘polo’.

(5) A representação ortográfica das vogais do FS

<i>Nível fonológico</i>	<i>Nível fônico</i>	<i>Nível gráfico</i>
/i/	[i]	‘i’ ‘y’
/e/	[e]	‘e’ ‘ai’
/ɛ/	[ɛ]	‘e’ ‘ai’ ‘ay’
/a/	[a]	‘a’
/œ/	[œ]	‘eu’
/ø/	[ø]	‘eu’
/y/	[y]	‘u’
/ɔ/	[ɔ]	‘o’ ‘au’ ‘eau’
/o/	[o] [ɔ]	‘o’ ‘au’ ‘eau’
/u/	[u]	‘ou’

Quadro 2: Relação entre fonemas, alofone e grafemas do FS. Fonte: Catach, 1995, p. 35-63

- a) Fonema /a/ – a vogal baixa será sempre realizada como [a]<sup>2</sup> e sua representação gráfica será sempre ‘a’ ou ‘a’ marcado por diacrítico.

<sup>2</sup> No que tange à distinção entre /a/ anterior posterior, Catach (1995) argumenta a favor do desaparecimento dessa distinção, exceto em pares fonêmicos como ‘pâte/patte, massa e pata respectivamente.

- b) Fonema /i/ – a vogal alta [-posterior] será sempre realizada como [i] e sua representação gráfica será sempre ‘i’, ‘y’ marcado ou não por diacrítico.
- c) Fonema /y/ – a vogal [-posterior] arredondada será sempre realizada como [y] e sua representação gráfica será sempre ‘u’.
- d) Fonema /e/ – a vogal média alta será sempre realizada como [e] e sua representação gráfica será sempre ‘e’ marcado ou não por diacrítico.
- e) Fonema /ɛ/ – a vogal média baixa será sempre produzida foneticamente como [ɛ] e sua representação gráfica será sempre ‘e’ marcado ou não por diacrítico.<sup>3</sup>
- f) Fonema /ø/ – a vogal média alta [-posterior] arredondada será sempre realizada como [ø] e sua representação gráfica será sempre ‘eu’ ou ‘eû’.
- g) Fonema /œ/ – a vogal média baixa [-posterior] arredondada será sempre realizada como [œ] e sua representação gráfica será sempre ‘eu’. Ressalta-se que poderá ser representada graficamente por ‘ue’, por exemplo, se precedida de ‘c’ e seguida por ‘i’ como, por exemplo, em *‘accueillant’*.<sup>4</sup>
- h) Fonema /u/ – a vogal alta arredondada será sempre realizada como [u] e sua representação gráfica será sempre ‘ou’ podendo ser marcada por um diacrítico sobre o ‘u’, tanto o circunflexo como o agudo.
- i) Fonema /o/ – a vogal média alta pode ser realizada como [o] e [ɔ] e poderá ser representada graficamente de quatro diferentes modos: ‘o’, ‘o’ acompanhado de acento circunflexo, ‘au’ e ‘eau’. A forma gráfica ‘au’ é a que predomina para grafar [o], podendo também ser seguida das consoantes ‘t’, ‘d’ e ‘x’, quando em posição final de palavra. A forma gráfica ‘eau’ ocorre principalmente em final de palavra. A forma ‘o’ ocorre, sobretudo, em posição mediana, mas poderá ser seguida das consoantes ‘t’, ‘c’, ‘p’ e ‘s’ quando em final de palavras, podendo também ser marcada por acento circunflexo.

### 2.3 Sobre o modelo teórico proposto por Calabrese (1995)

A proposta de Calabrese (1995) baseia-se na noção de complexidade fonológica. Para o autor, por serem os segmentos fonológicos feixes de traços distintivos, é a coocorrência de determinados traços que vai determinar ou não a sua marcação.

O autor afirma que existem combinações de traços que podem ser consideradas mais simples, mais complexas ou mesmo impossíveis, em se conside-

<sup>3</sup> Quanto à grafia ‘e’, Catach (1995) aponta que em francês há três vogais correspondentes: [e], [ɛ] e [ə]. As alternâncias entre ‘e aberto’, ‘e fechado’ e ‘e mudo’ são essenciais para marcar flexão de verbos, de gênero e de número.

<sup>4</sup> Em relação ao grafema ‘eu’, Catach (1995) assinala que ele pode ser transcrito indiferentemente de a vogal [œ] ser aberta ou fechada. Entretanto, por diferentes critérios — diacrônico, distintivo, diacrítico — podem-se encontrar outras variantes (eût, oeu, oe, eu). O principal concorrente de ‘eu’ é o ‘e’ caduco - [ə].

rando aspectos articulatórios, perceptuais e acústicos. A impossibilidade será expressa por uma proibição, enquanto a complexidade, por uma marcação. Um exemplo de coocorrência não encontrada nas línguas é a dos traços [+alto, +baixo], uma vez que tal combinação é restringida pela Gramática Universal (GU); já a maior complexidade pode ser verificada em combinações expressas por condições de marcação que definem a coocorrência de determinados traços como complexa, por exemplo, [-posterior, +arredondado]<sup>5</sup> que define a vogal /y/ do inventário fonológico do francês.

As línguas, de modo geral, possuem em seus inventários segmentais, unidades constituídas por combinações de traços ótimas que produzem vogais não-marcadas, como é o caso de [+baixo,-arredondado,-ATR], isto é, a vogal /a/; e também aquelas mais marcadas como [-posterior, +arredondado], recém referida. É importante salientar que a marcação possui diferentes graus de complexidade. Calabrese (1995, p.381) ilustra seu modelo a partir da hierarquia proposta para o sistema vocálico, reproduzida em (6):

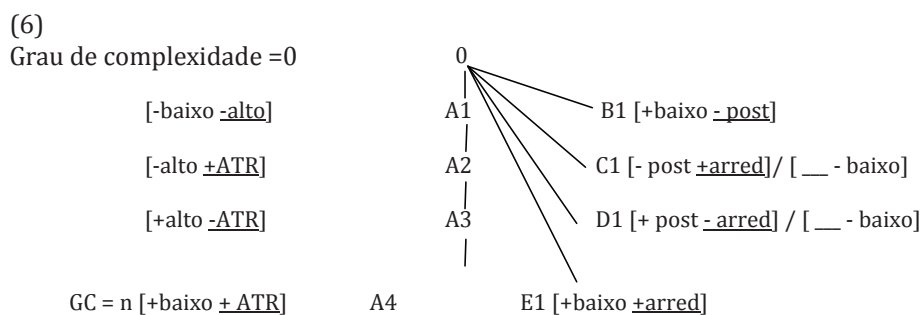


Figura 4. Hierarquia de complexidade de traços. Fonte: CALABRESE (1995, p. 381)

O ramo A da árvore traz quatro condições de marcação, sendo importante considerar que há entre elas uma relação implicacional, isto é, se a condição de marcação A3 é permitida em um dado sistema, então A1 e A2 também o serão. Nos demais ramos, B, C, D e E, apenas uma condição de marcação é expressa.

O grau de complexidade de uma configuração de traços será medida pela distância que apresentar em relação à raiz da árvore. Por esta hierarquia, A1 estabelece que vogais médias são complexas e A2 e A3, que vogais médias [+ATR]<sup>6</sup> e vogais altas [-ATR] são complexas, pois a vogal alta ótima deve ser [+ATR] enquanto a vogal média ótima, [-ATR]. C1 e D1 são condições de marcação que dizem respeito às vogais arredondadas frontais e as vogais não arredondadas posteriores, fonologicamente complexas.

<sup>5</sup> O sublinhado significa, na formalização de Calabrese, que o traço é o responsável pela complexidade da configuração.

<sup>6</sup> O traço [ATR] (*advanced tongue root*) é utilizado por Calabrese para dar conta da diferença entre vogais médias altas e as médias baixas, sendo as primeiras [+ATR] e as últimas [-ATR].



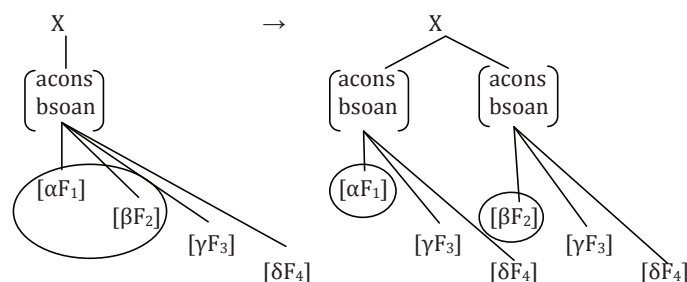
De acordo com este modelo, o segmento caracterizado por uma combinação de traços mencionada em uma condição de marcação pode ocorrer em um dado sistema fonológico se, e somente se, a condição relevante estiver desativada (CALABRESE, 1995, p.377). Levando-se em conta os sistemas vocálicos do PB e do FS, observa-se que a condição de marcação C1 está ativa em francês e, por isso, o sistema apresenta vogais [-posterior] arredondadas, fato não verificado no sistema português, no qual tal condição de marcação não está ativa.

Calabrese (1995) afirma que existem estratégias que reparam configurações sujeitas à marcação, as chamadas estratégias de reparo, que, segundo o autor, são procedimentos de simplificação utilizados nos casos em que um sistema fonológico tem o seu grau de complexidade excedido. Simplificar uma configuração de traços significa reparação ou eliminação que podem ser obtidas por meio da utilização de três tipos de estratégias de simplificação:

- a) Fissão é uma operação que divide um conjunto de traços que contém uma configuração não permitida em dois conjuntos sucessivos. Resultante disso tem-se dois segmentos contendo apenas um dos traços da configuração complexa.
- b) Desligamento é a operação na qual um dos traços complexos da configuração não permitida é desligado. Como resultado desta operação, tem-se a substituição de um traço incompatível por um traço compatível.
- c) Negação é a operação que muda os valores dos traços incompatíveis da configuração não permitida por valores opostos.

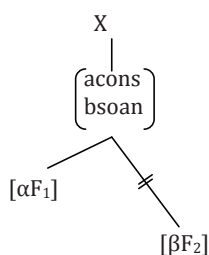
A seguir, encontram-se as ilustrações dos procedimentos de simplificação referidos, conforme Calabrese (1995, p. 389):

a) Fissão



Onde o conjunto de traços da esquerda da seta contém uma configuração de traços  $[\alpha F_1, \beta F_2]$ , proibida pela condição de marcação ativa  $*[\alpha F_1, \beta F_2]$ .

b) Desligamento:



Onde  $[\alpha F_1]$  conflita com  $[\beta F_2]$  devido a uma condição de marcação ativa  $*[\alpha F_1, \beta F_2]$ .

c) Negação:

$$[\alpha F_1, \beta F_2] \rightarrow -([\alpha F_1, \beta F_2]) \rightarrow [-\alpha F_1, -\beta F_2]$$

Onde  $[\alpha F_1]$  e  $[\beta F_2]$  são valores de traços conflitantes devido à condição de marcação ativa  $*[\alpha F_1, \beta F_2]$ .

Figuras 5, 6 e 7: Procedimentos de fissão, desligamento e negação.

Fonte: Calabrese, 1995, p. 389

Procedimentos como os de Fissão e Desligamento criam representações incompletas, mas que, segundo o autor, são preenchidas por uma convenção<sup>7</sup>, a qual é responsável pela inserção de especificações não marcadas.

### 3. Procedimentos Metodológicos

Os sujeitos que produziram os dados analisados neste estudo são falantes nativos de português e cursavam, à época das coletas, diferentes semestres do Curso de Licenciatura Plena em Letras – Habilitação Português/Francês de uma universidade pública brasileira. A carga horária na disciplina de Língua Francesa é de 8h semanais para iniciantes e 6h para avançados. A distribuição dos sujeitos por semestre<sup>8</sup> pode ser observada no quadro a seguir:

semestre	número de sujeitos
2º semestre	8
4º semestre	4
6º semestre	2
8º semestre	3
total	17

Quadro 3: Distribuição dos sujeitos da pesquisa por semestre

<sup>7</sup> *Last Resort Convention*: dada a condição de marcação  $[\alpha F, \beta G]$ , preencha  $[-\beta G]$  com um feixe de traços que contenha  $[\alpha F]$  mas não as especificações para  $[G]$ , e preencha  $[-\alpha F]$  com um feixe de traços que contenha  $[\beta G]$ , mas não as especificações para  $[F]$  (CALABRESE, 1995, p.389).

<sup>8</sup> O número de sujeitos corresponde ao número de alunos matriculados nos respectivos semestres.

Os dados que compõem a pesquisa fazem parte de uma amostra de dados de escrita coletada durante o segundo semestre letivo de 2002. Os dados provêm de um ditado<sup>9</sup> de frases em Língua Francesa que continha palavras nas quais os alunos deveriam registrar ortograficamente os fones [y], [œ], [ø], [u], [o]. O estudo é eminentemente qualitativo, embora sejam apresentados alguns percentuais relativos à frequência dos erros e acertos encontrados. A análise ocupar-se-á da qualidade da produção escrita mais que da quantidade de vezes em que cada forma gráfica foi produzida.

Para a confecção dos ditados foram selecionadas palavras que contivessem em sua escrita ortográfica os fones [œ], [ø]; [y] — por serem exclusivos do sistema fonético/fonológico e ortográfico do francês — e os fones [u] e [o] por se diferenciarem somente em nível ortográfico nos dois sistemas — francês e português. Além disso, para cada um dos fones focalizados, foram escolhidas palavras supostamente conhecidas e desconhecidas. As palavras desconhecidas, extraídas do dicionário, deveriam conter os fones estudados considerando-se os seguintes critérios: (a) estar em sílabas com ou sem coda; (b) estar em posição inicial, medial ou final da palavra; (c) estar em sílaba tônica ou átona; e (d) estar em monossílabos, dissílabos, trissílabos ou polissílabos. As palavras conhecidas foram extraídas dos materiais didáticos utilizados nas aulas de francês e distribuídas a partir dos critérios recém referidos.

A seguir, no quadro 4 estão apresentados exemplos de palavras utilizadas no ditado, as quais contêm o fone [y]:

[y]	palavra conhecida		palavra desconhecida	
	sem coda	com coda	sem coda	com coda
início de palavra	<i>humains</i>	<i>hurlé</i>	<i>ubiquiste</i>	<i>uppercut</i>
meio de palavra	<i>amusant</i>	<i>musulman</i>	<i>repugnante</i>	<i>obscurcir</i>
final de palavra	<i>par-dessus</i>	<i>utérus</i>	<i>tendue</i>	<i>conjure</i>

Quadro 4: Exemplos de palavras do ditado de acordo com as variáveis consideradas

Depois de selecionadas, as palavras (em média dez para cada fone) foram inseridas em frases que se distribuíram em dois grupos, A e B. No primeiro, palavras que continham os fones [y], [ø], [œ], exclusivos do francês; e no segundo, [u] e [o], fones comuns aos dois sistemas. Para a coleta, contou-se com o apoio de uma única professora<sup>10</sup> do Curso em que os alunos estudavam a fim de evitar variação na pronúncia daquele que ditava.

Na próxima seção, serão apresentados os principais resultados bem como a análise realizada.

<sup>9</sup> A opção pelo ditado por dois motivos: primeiro porque há relatos na literatura sobre o uso de estratégias de evitação, as quais são largamente empregadas pelos escreventes em situações de produção espontânea (CORNAIRE, 1998); segundo porque era necessário que os contextos relevantes para o estudo fossem fartamente encontrados.

<sup>10</sup> A referida professora é reconhecida por seus pares por sua notória excelência na produção oral em francês.

#### 4. Descrição e análise dos dados de escrita

Nesta seção, serão apresentados os resultados da distribuição geral das grafias das vogais do francês [y], [ø], [œ], [u], [o]. Os dados foram extraídos de ditados realizados por alunos de FLE em diferentes estágios de desenvolvimento. Primeiramente serão apresentados os dados relativos às vogais exclusivas francesas e, em seguida, aqueles concernentes às vogais pertencentes aos dois sistemas estudados.

##### 4.1 A grafia das vogais arredondadas exclusivas do francês

##### 4.1.1 As representações gráficas do fone [y]

Semestre	Representações gráficas	
	Acerto	Erros
2º	'u'	'i', 'ou', 'iu', 'ui'
4º	'u'	'i', 'ou'
6º	'u'	'i', 'y'
8º	'u'	'i', 'iu'
<b>Total %</b>	140/178 <b>78,6%</b>	38/178 <b>21,4%</b>

Quadro 5: As representações gráficas do fone [y]

O primeiro aspecto a ser mencionado diz respeito ao alto índice de acertos, em média 78,6%, com prevalência da grafia correta nos dados analisados e índices de acertos que aumentam à medida que o contato com o FLE também aumenta. Como exemplos de grafia correta têm-se: 'humain', 'amusant', 'tendus', 'hurlé', 'obscurcir', 'musulman', 'utérus', 'conjure' e 'repugnante'. A representação gráfica de [y] por 'u' demonstra que, em boa parte das grafias, os sujeitos estabelecem relação adequada entre a ortografia e a fonologia da língua que estão adquirindo. A segunda opção mais utilizada pelos alunos é o grafema 'i', cujo uso pode ser observado em índices semelhantes em todos os semestres investigados. Como exemplo dessa representação gráfica tem-se: 'ont dit', 'ibicuiste', 'ipercute', 'luteris', 'musilman', 'hipercute', 'mosilement'. De modo geral, observou-se que a variável palavra desconhecida exerce influência sobre os erros ortográficos, uma vez que o uso de 'i' foi mais frequentemente encontrado em palavras deste tipo e os acertos concentraram-se em palavras supostamente mais conhecidas dos alunos.

Alcântara (1998), com base em Calabrese (1995), analisou dados de fala de alunos do mesmo Curso de Letras e, ao estudar as produções orais das vogais arredondadas do francês [y], [ø] e [œ] por falantes nativos de português, constatou a utilização, por parte dos aprendizes, de procedimentos de simplificação que visavam à eliminação da excessiva complexidade do sistema francês em se considerando as vogais. Os alunos por ela estudados utilizam estratégias para reparar e/ou eliminar aquele traço que lhe é demasiadamente complexo, substituindo-o por outro que lhe seja familiar.

Com base na proposta de Calabrese (1995, p.392), Alcântara (1998) formaliza o procedimento de desligamento responsável pela produção de [i] em vez de [y] com a representação em (7), a qual é adequada também para explicar o tratamento dado a este segmento nas produções escritas.

(7)

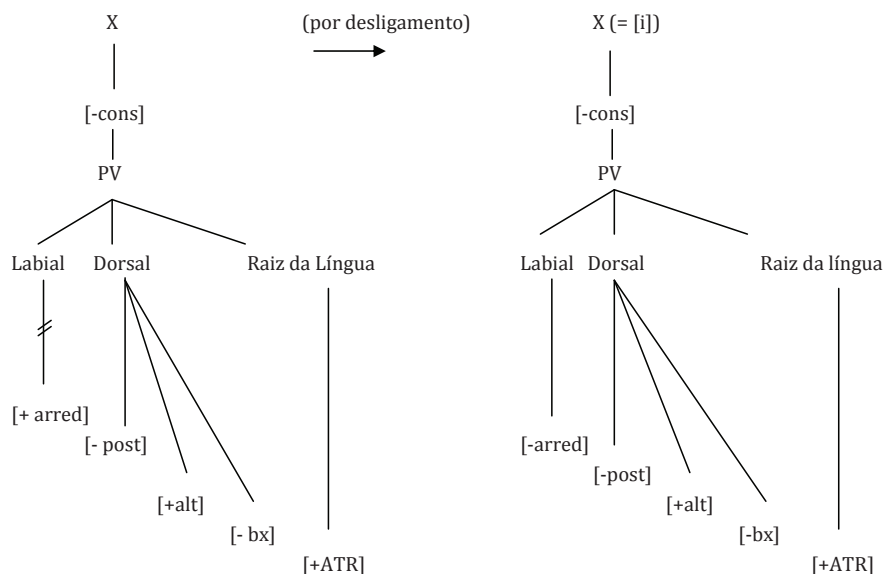


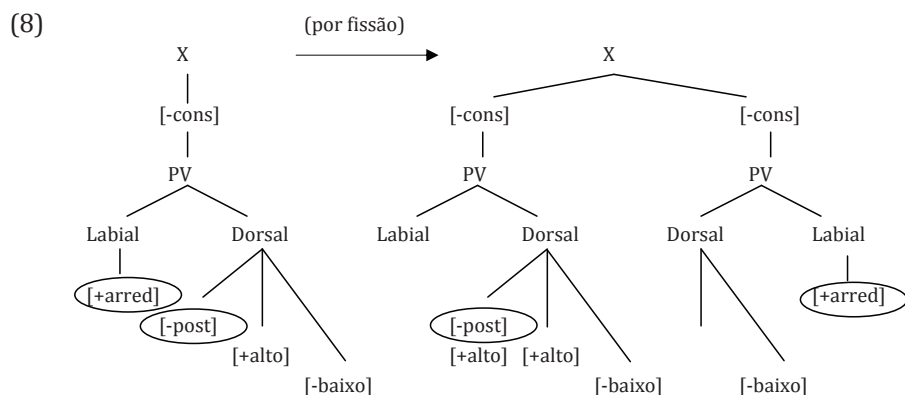
Figura 8: Procedimento de desligamento. Fonte: Calabrese (1995, p. 392)

O fato de a condição de marcação C1 (aquela que licenciaria a coocorrência [-post, +arred] em contexto de [-baixo]) não estar ativa em português, uma vez que a gramática sonora do francês, ainda em construção, sofre a influência de conhecimentos pertinentes à gramática sonora do português, pode explicar as escolhas feitas pelos aprendizes que, neste caso, elegem o 'i' para representar [y]. A figura 8, em (7), ilustra o procedimento de desligamento de traços, por meio do qual o falante nativo de PB desliga o [+arredondado], que ao coocorrer com [-posterior] cria configuração de alta complexidade, e produz a vogal alta [-posterior] presente em seu sistema nativo.

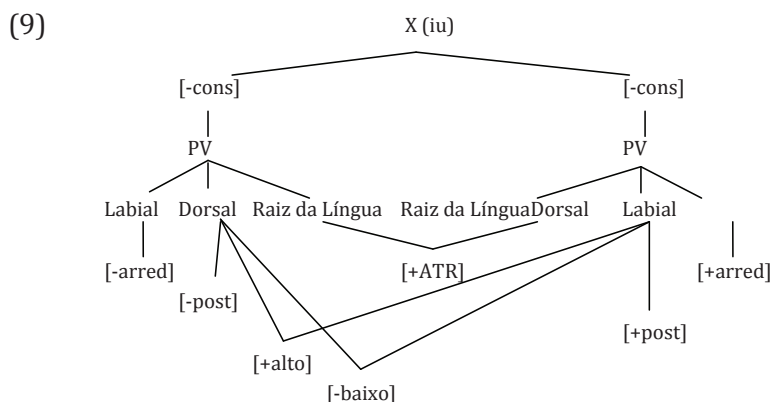
A utilização do grafema 'y' para grafar /y/ foi encontrada em apenas duas grafias de um estudante do sexto semestre. Tais ocorrências também podem ser interpretadas como reflexo de conhecimentos que ele possui sobre sua LM, pois assim como o 'i' também o 'y' é grafema utilizado em francês para representar graficamente a vogal /i/.

Outras grafias observadas são referentes ao uso de duas letras para a representação de /y/. Como exemplos de representações gráficas de [y] por 'iu' e 'ui' tem-se 'percuit', 'luterius', 'iurlé', todas estas, palavras pertencentes ao grupo das palavras menos conhecidas pelos sujeitos. Alcântara (1998) verificou em seus dados que o fone [y] pode ser realizado foneticamente como [ju], fato também explicado com base em Calabrese (1995), como o uso da estraté-

gia de fissão, procedimento que divide um conjunto de traços complexos não permitidos em dois conjuntos sucessivos, cada qual contendo somente um dos traços da configuração não-permitida, conforme ilustração em (8)



Como se pode observar, o segmento com uma configuração [+arred, -post], que corresponde a uma condição de marcação não ativada no português, se divide em duas raízes, sob as quais se distribuem os traços, exceto aqueles responsáveis pela complexidade, os quais dividem-se entre as duas raízes resultantes. O passo seguinte será a aplicação de uma regra que funde nós idênticos subjacentes ligados a uma unidade de tempo, criando uma configuração que exhibe compartilhamento de traços, como mostra (9)



Figuras 9 e 10: Procedimento de Fissão. Fonte: Calabrese (1995, p. 392)

Destas operações resulta o *output* [ju] em línguas que não possuem em seu inventário fonológico o /y/. Neste caso, os falantes nativos de PB resolvem a complexidade do fone [y] dividindo o conjunto de traços que o constituem e produzindo, em vez de um, dois segmentos na forma de um ditongo. Os dados mostram que graficamente, os informantes também representam o fone [y] por 'iu' e por 'ui', fato que pode ser interpretado como o indicativo de que os informantes utilizam seus conhecimentos fonológicos e as estratégias já acio-

nadas quando da aquisição da fonologia da língua alvo.

Na representação gráfica do fone [y], os sujeitos resolvem o problema da coocorrência que gera complexidade excessiva por meio da grafia das formas 'ui' e 'iu'. Dessa forma, o ditongo contempla os dois traços do fone [y] ([+anterior] e [+arredondado]) dividindo-os entre 'u' e 'i', na grafia do 'u' está presente o traço [+arredondado] e na grafia do 'i' o traço [+anterior]. Esse fenômeno, de certo modo, também conduz a afirmação de que ao proceder por fissão, os sujeitos, buscam resolver a complexidade de [y] apoiados em seu sistema materno.

Outra grafia observada nos dados, diz respeito à utilização dos grafemas 'ou' que no sistema ortográfico francês corresponde ao fone [u]. As palavras em que se observou este tipo de uso são 'conjoure', 'conjour', 'luterousse'. Na pesquisa de Alcântara (1998), o fone [y] foi também realizado foneticamente como [u], o que pôde ser explicado como um procedimento de desligamento de traços, no qual a configuração de traços [-posterior, +arredondado] passa para [+posterior, +arredondado] devido ao desligamento do traço [-posterior] e de sua substituição pelo traço [+posterior]. Esse procedimento resulta na realização de [u] em vez de [y], como mostra a representação em (10).

(10)

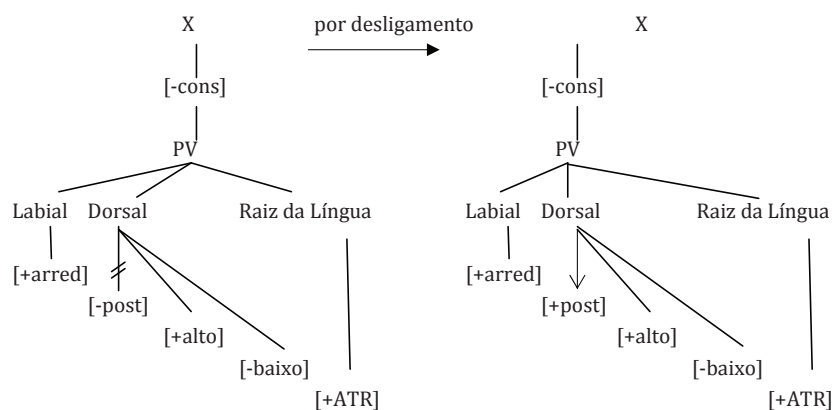


Figura 11: Procedimento de desligamento. Fonte: Calabrese (1995, p. 392)

Assim, o procedimento de desligamento permite aos informantes corrigirem a configuração proibida em PB [-posterior, +arredondado] por meio do desligamento do traço [-posterior], substituindo-o pelo traço compatível em PB, o [+posterior]. Os dados de escrita estudados demonstram que os informantes adotam o mesmo procedimento fonológico observado na oralidade de alunos de FLE, ao representarem [y] graficamente como 'ou'.

#### 4.1.2 As representações gráficas do fone [ø]

No quadro 6, podem ser vistos os resultados referentes às representações ortográficas do fone [ø] pelos alunos dos quatro semestres analisados.

Semestre	Representações gráficas	
	Acerto	Erros
2º	'eu'	'au', 'o', 'e', ai
4º	'eu'	'au', 'e'
6º	'eu'	'au', 'o', 'e'
8º	'eu'	'eau'
Total %	102/142 71,8%	40/142 28,2%

Quadro 6: As representações gráficas do fone [ø]

A vogal [ø], assim como a vogal [y], está ausente no sistema fonológico do português, pois apresenta complexidade superior àquela permitida pelo sistema da língua. Alcântara (1998), ao estudar a pronúncia desta vogal pelos alunos de FLE, verificou uma tendência dos brasileiros produzirem-na como [ew] e [o]~[e], em decorrência da ação de procedimentos de Fissão e de Desligamento, respectivamente.

Pelas características do sistema ortográfico francês, que neste caso elege o grafema 'eu' para representar o fonema [ø], não é possível falar em casos de ditongação em [ew], como pôde ser verificado na oralidade, por Alcântara (1998), uma vez que a representação gráfica relativa ao ditongo coincide com a norma ortográfica.

As representações corretas foram verificadas em 71,8% dos dados e são referentes a grafias como 'eucalptism', 'demeuré', 'banlieu', 'heureuse', 'euta-tism', 'eufuism', 'afreusment'. Já os erros em 'au', 'eau' e 'o' dizem respeito a palavras como 'autatissimo', 'aucaliptust', 'hautatisme', 'eautatisme', 'grivauze', 'moble', 'demoré', 'graciosité'. Nestes dados, o procedimento de desligamento pode estar na base das escolhas gráficas dos estudantes. Ao produzir /ø/ como [o], o falante lança mão de um procedimento de simplificação de traços, desli-gando aquele responsável pela configuração complexa, a saber, o [-posterior] que associado ao [+arredondado] excede o grau de complexidade observado no inventário das vogais do português.

Também são exemplos de representações gráficas de [ø] a utilização de 'e' e 'ai' em formas como 'afraissement', 'maible', 'banlie', 'aussé', 'efuisme'. O caso da grafia 'ai' é interessante porque, embora pudesse ser interpretada como um caso de registro de ditongo, em uma primeira tentativa de explicação, deve estar, na verdade, relacionada ao fato de tal sequência gráfica estar relacionada ao registro de /e/. Tal hipótese interpretativa pode ser sustentada pelo fato de 'ai', no sistema do PB, ser equivalente a um ditongo, mas, no do FS, equivaler a um grafema que corresponde ao fonema /e/. Se assim o for, tem-se novamen-te, exemplo de grafia embasada na representação fonológica da vogal que é resultante da atuação de um procedimento de desligamento, dada a complexi-dade da configuração [-posterior, +arredondado].

Em (7) e (10), onde estão representados os procedimentos responsáveis pela simplificação da configuração de /y/ que podem resultar em [i] ou [u],



pelo desligamento de [+arredondado] ou de [-posterior], respectivamente, encontra-se a formalização para o que se observa também na grafia de /ø/ como 'e-ai' e 'o', a qual apresenta o mesmo tipo de motivação e revela a utilização dos mesmos procedimentos.

#### 4.1.3 As representações gráficas do fone [œ]

No quadro 7, podem ser visualizadas as representações ortográficas do fone [œ] de acordo com o tempo de exposição à LE.

Semestre	Representações gráficas	
	acerto	Erros
2º	'eu'	'au', 'o', 'e', 'ai'
4º	'eu'	'o', 'e', 'ai'
6º	'eu'	-
8	'eu'	'au', 'o'
Total %	72/94 76,6%	22/94 23,4%

Quadro 7: As representações gráficas do fone [œ]

Quanto aos índices de erros e acertos, observa-se semelhança entre estes expressos para /œ/ e aqueles já referidos para /y/ e /ø/. Os acertos na escrita de palavras que contêm o fone [œ], representado ortograficamente pelo grafema 'eu', são referentes a palavras tais como 'déjeuner', 'pêcheur', 'eurotoire', 'heureuse', 'esseulé', 'effeuillant'.

Os erros encontrados podem ser referentes ao uso de 'au' e 'o', grafias interpretadas como tentativas de grafar o fone [o], observadas em palavras como 'essulé', 'essolé', 'et solé' para 'esseulé'. Os dados de escrita revelam que, também em relação a este segmento, os informantes mostram uma tendência a evitar a complexidade da configuração [-posterior, +arredondado], por meio do uso de procedimento de simplificação de traços, com o desligamento daquele responsável pela complexidade excessiva.

Também foram encontradas grafias em que 'e' e 'ai' foram utilizados pelos alunos, o que pôde ser interpretado como tentativa de representar graficamente o /ε/, cujas formas gráficas consagradas pela ortografia são 'e' e 'ai'. Os exemplos extraídos do *corpus* estudados são: 'pecher' para 'pêcheur', 'éfaion' para 'effeuillant', 'et solé' e 'esselée' para 'esseulé'.

Alcântara (1998) descreve e analisa as realizações fonológicas de [œ] e [ø] por falantes nativos de PB e afirma que seus informantes têm dificuldades em categorizar e diferenciar esses fones. No caso dos dados de escrita, deve-se considerar ainda que, além da complexidade fonológica, pode haver alguma dificuldade em relação à escolha gráfica, uma vez que para ambos os segmentos, o mesmo grafema é definido pelo sistema ortográfico para representá-los, o 'eu'.

Nesta subseção, assim como nas anteriores, foram apresentados os resultados referentes às grafias das vogais exclusivas do francês. Embora os

índices de acertos sejam superiores aos de erros, a qualidade dos erros cometidos pelos alunos permitiu uma análise que, com base na proposta de Calabrese (1995), revela o uso de estratégias empregadas na escrita que têm base nos conhecimentos linguísticos do aprendiz, os quais levam a ajustes que, nestes casos específicos, podem ser expressos pelo uso de procedimentos de simplificação, como a Fissão e o Desligamento, para eliminar coocorrências de traços indesejadas em razão da complexidade suportada pelo sistema vocálico da LM.

#### 4.2 A grafia das vogais arredondadas comuns aos dois sistemas [u, o, ɔ]

Serão apresentados, nesta subseção, os dados referentes às grafias das vogais arredondadas comuns aos sistemas do português e do francês. Os quadros 8 e 9, seguindo a mesma metodologia dos anteriores, trazem os índices gerais de erros e acertos bem como os exemplos das formas gráficas utilizadas pelos alunos para a representação do [u], [o] e [ɔ].

##### 4.2.1 As representações gráficas do fone [u]

As representações ortográficas do fone [u] de acordo com o tempo de exposição à LE podem ser visualizadas, no quadro 8:

Semestre	Representações gráficas	
	Acerto	Erros
2º	'ou'	'au', 'u'
4º	'ou'	'au', 'u'
6º	'ou'	'au', 'u'
8º	'ou'	'au', 'u'
<b>Total %</b>	171/199 85,9%	28/199 14,1%

Quadro 8: As representações gráficas do fone [u]

No quadro 8, tem-se um índice mais alto de acertos, em relação aos percentuais obtidos na análise dos dados referentes às grafias das vogais exclusivas do francês. Como exemplos de representações gráficas de [u] por 'ou', tem-se 'ouvert', 'hougrien', 'gandourra', 'fourbir', 'journal', 'beaucoup', 'gorfou'. Quanto aos erros, tem-se a grafia de [u] por 'au', representação gráfica que pode ser interpretada como a tentativa de representar graficamente o fone [o], em palavras como 'autre-mer' em vez de 'outre-mer', 'gaurfou' em vez de 'gourfou', 'faurbire' em vez de 'fourbir'. Nas palavras em que se verificou a produção de 'au' por 'ou', constatou-se que os erros ocorrem sempre quando a vogal está na primeira sílaba, que em francês tende a ser pretônica, e em itens lexicais classificados como desconhecidos.

Há indícios de que o informante utiliza seu conhecimento em LM, seja o fonológico seja o ortográfico, ao escolher o modo de grafar em LE. Na ortografia de [u], por exemplo, o aprendiz de FLE parece estar transferindo conhecimentos já construídos acerca de sua LM para a LE, uma vez que, em português, os fones [u] e [o] podem ser neutralizados em certas posições não tônicas. Em palavras como ‘polícia’ e ‘boneco’, por exemplo, o /o/ permanece como convenção de escrita, pois na forma oral têm-se [u], (CÂMARA JR. 1970). Considerando-se que a troca de ‘ou’ por ‘au’ somente ocorreu em posições átonas, é plausível a interpretação de que estas grafias estejam sofrendo influência do conhecimento que os usuários têm sobre o funcionamento fonológico e ortográfico da língua.

Como exemplos de representações gráficas de ‘ou’ por ‘u’, tem-se ‘hungrien’, ‘ugriant’, ‘conkurs’, ‘ugrien’. Neste caso, pode-se pensar que o informante ortografa desta forma em decorrência de analogia com sua LM. Alcântara (1998) observou que a troca fonológica de [y] por [u] pode ocorrer em palavras que são idênticas ao português e talvez seja este o motivo por que os estudantes grafam o [u] como se fosse [y], já que, nos dados de escrita, verificou-se que os informantes também trocaram ‘ou’ por ‘u’, em palavras idênticas ao português: ‘ougrien’ grafado como ‘hungrien’, ‘hugrien’, ‘ugriain’ ou ‘ugrien’; e ‘concours’ grafado como ‘conkurs’ ou ‘concourse’. Grafias de palavras que equivalem, respectivamente, a ‘húngaro’ e ‘curso’, em português.

#### 4.2.2 As representações gráficas dos fones [o] e [ɔ]

Nos dados referentes à grafia de [o] e [ɔ], foram obtidos os resultados expressos no quadro 9.

Semestre	Representações gráficas	
	Acertos	erros
2º	‘au’, ‘eau’, ‘o’	‘eu’
4º	‘au’, ‘eau’, ‘o’	‘eu’
6º	‘au’, ‘eau’, ‘o’	
8º	‘au’, ‘eau’, ‘o’	s
<b>Total %</b>	137/181 75,7%	44/181 24,3%

Quadro 9: As representações gráficas do fone [o] e [ɔ]

Os resultados exibidos no quadro 9 mostram que, no caso da vogal [o], representada corretamente por ‘o’, ‘au’ ou ‘eau’, o índice de acertos é mais baixo que os da grafia do /u/ e similar àqueles verificados nos dados referentes às vogais exclusivas do francês. Ocorre, porém, que neste caso há uma variável relativa ao sistema ortográfico que influencia os resultados, a saber, a distribuição dos três grafemas utilizados para a representação de /o/. Os dados de escrita estudados mostram que os informantes têm dificuldades em escolher

um dentre os três grafemas disponíveis, o que resulta em erros ortográficos que fazem aumentar o percentual final. O uso de 'o', licenciado pelo sistema para representar /o/ e / /, mas com distribuição regulada por contexto, é responsável por erros como 'reocement' no lugar de 'rehaussement', 'épolette' no lugar de 'épaulette', 'costo', 'costeaut', 'costot', 'causto' no lugar de 'costaud' ou 'causteau'. Tais grafias indicam que os sujeitos ainda não têm conhecimento das regras de distribuição ortográfica do francês. De modo geral, o sistema opta pela utilização de 'au' e a presença de 'eau' é mais frequente em final de palavras, enquanto a grafia 'o' pode vir acompanhada por consoantes 't', 's', 'd', 'p' e 'c'.

Como exemplos de representações gráficas corretas de [o], têm-se 'aujourd' hui', 'restaurant', 'costeau', 'épaulettes', 'cosmonautes', 'hautement', 'astronaute'; já como exemplos de representações ortográficas de 'o' por 'eu', extraídos dos dados dos 2º e 4º semestres do Curso, tem-se 'reusement' em vez de 'rehaussement', 'eutement' em vez de 'hautement', 'recheuflement' em vez de 'réchauffement', 'astroneute' em vez de 'astronaute', 'cosmeneute' em vez de 'cosmonaute'.

Ainda que a vogal em questão seja idêntica nos dois sistemas, podem-se interpretar esses dados como indicativos de que os usuários estejam tentando representar graficamente o fone [O]. Este raciocínio pode ser sustentado pelo fato de haver uma complexidade excessiva na representação fonológica de /ø/ e, ao mesmo tempo, uma complexidade excessiva na representação gráfica de /o/, o que pode estar causando um conflito entre a complexidade fonológica presente na vogal média arredondada – [O] e a complexidade ortográfica relativa à vogal média não-arredondada – [o]. Os dados parecem demonstrar que os informantes detectaram a existência da complexidade fonológica e ortográfica do sistema do francês, uma vez que usam a forma gráfica da vogal complexa para representar uma não-complexa. Neste caso, estar-se-ia diante de uma supergeneralização, a partir da qual os informantes estariam transferindo a complexidade do sistema ortográfico para o fonológico.

## 5. Considerações finais

Neste artigo, cujo foco incide nas relações entre o conhecimento fonológico e ortográfico e que tomou como ponto de partida dados de escrita de estudantes brasileiros, aprendizes de FLE, referentes às vogais arredondadas do francês, argüi-se em favor da ideia segundo a qual, no processo de aquisição da escrita, os sujeitos lançam mãos de estratégias de reparo também verificadas em dados de aquisição fonológica, conforme descritas por Alcântara (1998), com base na proposta de Calabrese (1995). O uso de tais estratégias se verifica, especialmente, no registro das vogais exclusivas do sistema do francês, [y], [ø] e [œ]. Na escrita produzida pelos alunos, ficam evidenciadas as estratégias de Fissão e Desligamento, em dados nos quais os aprendizes utilizam representações gráficas do tipo 'i', 'ou', 'ui' e 'iu' para ortografar [y]; 'au', 'eau', 'o' e 'e' para

ortografar [ø]; 'au', 'ó', 'e', 'ai' para ortografar [œ]. Esses fatos são interpretados como vestígios de operações fonológicas que visam ao ajuste do *input* recebido ao sistema fonológico já constituído da LM, reforçando a suposição de que os informantes, ao desenvolverem sua IL, se servem do sistema linguístico materno para preencher as lacunas do sistema da LE que, neste caso, apresenta complexidade maior que o de sua LM, em se considerando o sistema vocálico.

Em relação às grafias das vogais idênticas aos dois sistemas: [u] e [o], os dados mostraram que os informantes se utilizaram principalmente da estratégia analógica, buscando subsídios para produzirem suas formas gráficas no funcionamento do sistema vocálico da sua LM e também no sistema ortográfico. A procura de referencial ortográfico na LM ilustra a utilização de estratégias de analogia e economia por parte dos aprendizes, como propõe Moore (2001).

Salienta-se que as diferentes estratégias ortográficas empregadas pelos informantes foram detectadas a partir de seus erros ortográficos, o que contribui para que o erro seja percebido como dado imprescindível para o estudo dos processos de aprendizagem, uma vez que são eles capazes de revelar as hipóteses construídas pelos aprendizes, o que reforça a argumentação de Kato (1997) de que os erros são *janelas para as estratégias*.

Por fim, não se pode deixar de fazer referência à contribuição que se pretende com o desenvolvimento deste estudo para com as discussões do campo da fonologia, mostrando, a partir de dados de aquisição da linguagem, a estreita conexão entre conhecimento linguístico, modelos fonológicos e aquisição da escrita. ☒

#### ROMBALDI, C. R. M.; MIRANDA, A. R. M.; DAMIANI, M. F. THE INFLUENCE OF PHONOLOGY ON THE SPELLING OF FRENCH ROUNDED VOWELS BY BRAZILIANS SPEAKERS

##### **Abstract**

*In this paper, we present the results of a study on the spelling of French rounded vowels by Brazilian students of French as a Foreign Language. Data were separated into two groups: words with vowels which are exclusively used in the standard French (SF) system and words with vowels common to both systems (French and Brazilian Portuguese (BP)). Data analysis, guided by the Constraint-Based Theory of Phonological Markedness proposed by Calabrese (1995), shows that, when writing the vowels that are unique to the French system, students choose spellings that unveil phonological procedures similar to those described by Alcântara (1998), such as Fission and Delinking. In the case of spellings of vowels common to both BP e SF, the results suggest the establishment of analogies with the forms of spelling representation of the mother tongue. Based on language acquisition data, the study aims to contribute to the discussions in the field of phonology, showing the strong connection between linguistic knowledge, phonological models and writing acquisition.*

## Keywords

*writing acquisition, French rounded vowels, simplification procedures.*

## Referências

ALCÂNTARA, C. *O processo de aquisição das vogais frontais arredondadas do francês por falantes nativos do português*. 1998. 122 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Escola de Educação, Universidade Católica de Pelotas, 1998.

BESSE H. & PORQUIER R. *Grammaires et Didactique des Langues*. Paris: Hatier/Didier, 1991.

BISOL L. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.

CALABRESE, A. *A constraint – based theory of phonological markedness and simplification procedures*. *Linguistic Inquiry*, volume 26, number 3, The Massachusetts Institute of Technology, p. 373-463, summer 1995.

CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 23 ed. Petrópolis: Vozes, [1970]1995, 124 p.

CATACH, N. *L' Orthographe Française*. Poitiers: Nathan, 1995.

DURAN, L. *Toward a Better Understanding of Code Switching and Interlanguage in Bilinguality: Implications for Bilingual Instruction*. In: *The Journal of Educational Issues of Language Minority Students*, v14, p. 69-88, 1994.

FERREIRO, E. & TEBEROSKY, A. *Psicogênese da Língua Escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, [1984], 1999, 300p.

GIRARD, D. *Enseigner les langues: méthodes et pratiques*. Paris: Bordas, 1995.

KATO, M; MOREIRA, N.; TARALLO, F. *Estudos em Alfabetização*. São Paulo: Ponte, 1997, 144 p.

LÉON, M. *Introduction à la phonétique corrective*. Paris:Hachette/Larousse, 1976,98 p.

MIRANDA. A. R. M. Aspectos da escrita espontânea e da sua relação com o conhecimento fonológico. In: LAMPRECHT, R. (org.). *Aquisição da Linguagem: estudos recentes no Brasil*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007 (no prelo).

MIRANDA. A. R. M. A aquisição ortográfica das vogais do português – Relações com a fonologia e a morfologia. *Revista de Letras* (Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM), nº 36, janeiro/junho de 2008.

MOORE, D. *Une Didactique d' Alternance pour mieux Apprendre?.* *Revue de didactologie des langues – cultures*. V. 121, 2001, p. 69-78.

MORAIS, A. G. de. *O aprendizado da ortografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, 139 p.

ROMBALDI, C. R. M. *Estratégias utilizadas por falantes nativos de português brasileiro na aquisição da ortografia das vogais do francês*. 2003. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2003.

SELINKER, L. In: John Schumann & Nancy Stenson. *New Frontiers in Second Language Learning*. Nex. Newbuty Horre, 1976. First printed in IRAL, vol. 10, 3, 72. p. 209-231.

SHANE, S. A. *French Phonology and morphology*. 2<sup>a</sup> ed. MIT Press, 1970.

VIGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.